

## LES INTERACTIONS DANS L'ENSEIGNEMENT DES LANGUES: AGIR PROFESSORAL ET PRATIQUES DE CLASSE

CICUREL, Francine. Paris. Didier, 2011

Eulália Vera Lucia Fraga Leurquin  
(Universidade Federal do Ceará)

A obra da professora Cicurel traz em evidência a interação em sala de aula de língua, o agir professoral, os métodos para transcrição e as categorias de análise dos dados gerados nesse tipo de interação. É, portanto, dentro desse contexto, e utilizando dados empíricos que ela mantém seu diálogo com o leitor. O livro apresenta resultados de investigações científicas, coordenadas pela referida autora e desenvolvidas no seio do Grupo de Pesquisa (IDAP). São sete capítulos, cada um tem a sua marca, seguidos de uma provocativa conclusão.

Em um estilo próprio, muito questionador, ela dedica os três primeiros capítulos à interação didática; os três seguintes ao agir professoral; e o último à sua proposta de transcrição e análise dos dados. De forma bastante didática e muito acertadamente, ao final de cada capítulo, a autora apresenta uma proposta de atividade.

Cicurel inicia sua obra mantendo um contrato comunicacional com seu leitor, dando-lhe “Algumas chaves para ele ter acesso às pesquisas sobre a sala de aula de língua”, realizadas por sua equipe. Com o objetivo de apresentar os fundamentos dos estudos de seu grupo de pesquisa, sobre a comunicação em sala de aula, e de propor modelos e parâmetros para fazer perguntas aos professores sobre seu agir, no primeiro capítulo, ela apresenta “O dispositivo interacional de uma sala de aula de língua”. Localiza a interação em sala de aula como um protótipo da comunicação didática e ressalta os papéis pré-definidos nesse tipo de interação, bem como seu funcionamento.

O segundo capítulo é marcado pelas reflexões desenvolvidas sobre as práticas imaginativas do professor na sala de aula. Ao iniciar sua exposição sobre o tema, ela provoca o seu leitor, ao questionar o próprio conceito de sala de aula, perguntando-lhe: A sala de aula: uma “província limitada de significações”? Encontra respaldo nos estudos de A. Schütz e traz à tona a diferença entre o mundo comum e o mundo científico. Ao situar a sala de aula na discussão, faz so-

bressair o papel da linguagem. Nesse contexto, Cicurel apresenta cenas de interação didática chamando a atenção do leitor para a imaginação do professor e apontando-a como uma competência necessária para aprender uma língua.

A autora desenvolve uma reflexão bastante sólida com relação aos atos de fala estudados em sala de aula de *francês língua estrangeira* a partir do seguinte questionamento “Atos de fala num mundo possível ou pseudo-atos de fala num mundo real? “Ao lançar essa questão, ela não apenas convida seus leitores à discussão inevitável sobre as atividades languageiras realizadas, como também põe em evidência o espaço do próprio material didático utilizado no ensino e na aprendizagem de uma língua. Nesse ambiente de descrição e questionamento sobre a sala de aula e a interação didática nela realizada, a autora firma que “A sala de aula de língua pode ser então percebida como um lugar de construção discursiva que deixa lugar à imaginação, que encoraja esta função que apenas a linguagem possui: a possibilidade de imaginar, evocar o que não existe, ou o que ainda não existiu” (2011, p. 83).

No capítulo seguinte, ela direciona seu olhar para a relação das ações desenvolvidas no interior e no exterior da sala de aula. Ela parte do quadro acional da sala de aula, descreve práticas docentes as quais denomina de transformacionais e mostra-nos paradoxos comunicativos no ensino das línguas. Nessa discussão, os estudos de GOFFMAN (1991) lhe são muito caros. Através de dados empíricos e teoricamente fundamentada faz uma discussão sobre a interação da sala de aula e ressalta a necessidade de realizar ações, pois, segundo ela, “quando ensinamos uma língua somos obrigados a criar contextos que simulem a vida real” (CICUREL, p. 38). É, portanto, nesse momento que ressalta a relevância do contexto externo no ensino e na aprendizagem da língua estrangeira.

As análises feitas no livro envolvem situações de ensino da gramática, de oralidade e de compreensão e textos. Elas evidenciam como o contexto externo envolve a experiência vivida pelo professor de francês e essa experiência é apresentada como um fato relevante no processo da interação didática. Finaliza este capítulo, ratificando a sua posição sobre a interação em sala de aula e pontuando a necessidade de se investigar mais esse ambiente. Define o ensino como um fenômeno complexo que envolve uma matéria a ensinar, um programa a cumprir, públicos interessados e metodologias a seguir.

É importante ressaltar que a partir do quarto capítulo, a profes-

sora Cicurel elege o professor como foco de suas reflexões. Ela passa então a tratar do agir professoral, da cultura de ensino, da cultura profissional e do repertório didático, categorias fundamentais para se compreender o agir professoral. Para introduzi-las, a autora faz os seguintes questionamentos: Como o professor faz para tomar decisões que se impõem ao longo de seu trabalho? Quais ações ou sequências de ações são previsíveis ou ao contrário podem emergir? Como se constitui uma fala professoral destinada a gerar aprendizagem? Os três capítulos que seguem apresentam respostas aos questionamentos feitos. Ela define como objetivo do quarto capítulo “procurar compreender melhor como um professor, tendo preparado uma ação ou uma sequência de ações pedagógicas, dispondo de um tempo limitado e conhecido antecipadamente, trabalha diante de um público cujas reações ele só pode prever em parte”.

Vale considerar a discussão pertinente desenvolvida pela pesquisadora a respeito dos motivos, das intenções e do papel dos saberes práticos constatado na verbalização da ação de ensino. Cicurel se apoia em BRONCKART (1995) para diferenciar um acontecimento sobre o qual não temos nenhuma ingerência de um acontecimento em que há a intencionalidade. Ainda com base no referido professor, ela introduz a discussão sobre a necessidade de reconhecer a importância dos níveis das ações (o nível das condutas observáveis e o nível constituído pela formulação das intenções das ações efetuadas pelos atores). Esses conceitos são fundamentais quando ela passa a tratar da geração de coleta dos dados.

Completamente envolvida com a prática docente em jogo em sala de aula, já tendo definido o agir professoral, no capítulo cinco, a autora inicia uma exposição de categorias importantes para analisar esse tipo de agir. Atribui importância aos estilos do agir professoral, às práticas docentes, aos repertórios didáticos, às culturas educativas e profissionais e às posturas em jogo na sala de aula. Com isso, ajusta completamente suas lentes para tratar desses componentes constituintes do agir professoral. É relevante dizer que a partir de dados gerados em situações de ensino e aprendizagem de língua estrangeira, em diferentes contextos de curso de francês para estrangeiros, a autora definiu esses conceitos e enfatizou que um professor é também uma pessoa com maneiras de fazer próprias e que se exprime por um estilo na ação. A singularidade no tratamento da ação é posta em evidência neste capítulo.

O sexto capítulo encerra mais uma etapa do livro. A autora passa então a tratar de culturas educativas e de suas implicações no agir professoral; referências ainda pouco estudadas. É necessário chamar a atenção para a exposição feita pela professora sobre o contexto plural de culturas educativas em jogo em sala de aula de língua estrangeira. Para ela, o conjunto de maneiras de fazer de uma tradição educativa deixa traços no mundo do ensino ou da aprendizagem. Mas é preciso definir categorias de análise da cultura educativa. Esse momento registra mais uma contribuição para a pesquisa na área de Linguística Aplicada. A professora Cicurel apresenta cinco elementos fundamentais constituintes da cultura educativa e também apresenta a sua proposta de modelo – IMAVERT – para a análise dessa cultura. A autora conclui o capítulo informando que a cultura é um todo, e que é ilusório a hipótese que se posa dividi-la em parâmetros. Um modelo, segundo ela, não pode pretender dar conta da cultura, mas poderia encorajar pesquisadores e professores a realizar uma observação mais “estratégica” que os fará talvez descobrir aspectos até então não percebidos ou mesmo ainda não cogitados na observação.

É nessa direção que Cicurel anuncia o último capítulo de sua obra. Não mais focalizando a interação didática, nem o agir professoral nessa interação, mas fazendo sobressair a importância das pesquisas sobre tais temas. Esse é o tom do capítulo sete. Ele marca um retorno a problemas relacionados aos métodos de investigação e questiona os saberes a constituir no ambiente da sala de aula. A pesquisadora apresenta o discurso, a interação e a ação como três momentos para o estudo em uma sala de aula de língua. A partir de falas de professores, com base na ação docente, ela aponta a importância de refletir sobre os aportes necessários para os conhecimentos do agir. É também neste capítulo que a autora nos apresenta os métodos de transcrição utilizados. Mas também chama a atenção para os limites da ação docente. Retoma dois pontos importantes: a relação teoria e prática e a autoconfrontação como técnica importante para a verbalização, para o dizer sobre o fazer.

Na conclusão, também marcada por seu estilo provocativo, ela se questiona: Como concluir? Essa pergunta feita ao leitor nos permite registrar a inquietude da pesquisadora e também uma espécie de convite ao leitor para continuar com a discussão travada ao longo dos capítulos. A pesquisadora então elenca quatro conclusões gerais

e, em um curto parágrafo, retoma o grande desafio de dar voz ao professor, que, segundo a autora, é ainda a melhor maneira de ter acesso a verbalizações dos motivos e das intenções do fazer docente.

---

Recebido em 24 de maio de 2015

Aceito em 28 de maio de 2015